

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de questões vernáculas**. 3. ed. ampl. São Paulo: Ática, 1996.

Afrontaria o padrão culto da Língua Portuguesa alguém que dissesse: “Tenho grande vontade de encontrar Fabiano e *conversá-lo*”? Certamente que não. A consulta a qualquer bom dicionário de regência verbal apontará o emprego do verbo *conversar* como transitivo direto, quando significa “ter familiaridade com”, “tratar com amizade, com familiaridade”, que é precisamente o caso do exemplo formulado.

Questões como essa são propostas e resolvidas pelo **Dicionário de Questões Vernáculas**, que a Editora Ática lança em 3ª edição ampliada. O autor não é nada difícil identificar, uma vez que, desde 1936, assina uma coluna do jornal “O Estado de S. Paulo” exatamente com o título **Questões Vernáculas : Napoleão Mendes de Almeida**.

Formado em Filosofia e em Letras Clássicas pelo Instituto Salesiano de Lavrinhas, SP, e em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco (USP), o professor revela domínio seguro não só dessas matérias, mas também de muitas outras, como o Inglês, todas aproveitadas nas ricas exemplificações que permeiam sua obra.

Do Latim, por exemplo, não se valeu somente para buscar as origens da Língua Portuguesa e explicação para fatos e estruturas de nosso vernáculo. Foi além e escreveu **Curso de Latim por Correspondência - 104 Lições**, e **Gramática Latina**, obras que se completam e têm servido a estudantes de mais de uma geração.

O verbete *Latim*, do **Dicionário de Questões Vernáculas**, resume o juízo que da disciplina faz o autor. Para ilustrar, conta o que se passou com os professores Gleb Wataghin, Giacomo Albanese e Luigi Fontapié, os quais, contratados para lecionar em São Paulo, na recém-fundada Faculdade, providenciaram, logo depois dos primeiros meses de aula, envio de ofício ao então Ministro da Educação, que pretendia mudanças no ensino secundário. Declaravam os matemáticos: “Chegados ao Brasil, ficamos admirados com o cabedal de fórmulas decoradas de matemática com que os estudantes brasileiros deixam o curso secundário, fórmulas que na Itália (Os três professores eram catedráticos de diferentes faculdades italianas) são ensinadas só no segundo ano de faculdade; ficamos, porém, chocados com a pobreza de raciocínio, com a falta de ilação dos estudantes brasileiros; pedimos a vossa excelência que na reforma que se projeta se dê menos matemática e mais latim no curso secundário, para que possamos ensinar matemática no curso superior”. E arremata: “O professor Albanese costumava dizer - e muitas pessoas são disto prova - Dêem-me um bom aluno de latim, que farei dele um grande matemático”.

Professor desde 1931, quando ingressou no Liceu Coração de Jesus, Napoleão Mendes de Almeida, mais tarde, deixou as salas de aula para dedicar-se ao ensino por correspondência. Nessa modalidade, criou o primeiro curso no Brasil. Alunos, aos milhares, no Brasil e no Exterior. Para facilitar a prática docente, escreveu **Gramática Metódica da Língua Portuguesa e Curso de Português por Correspondência - 104 Lições**, ambos com edições sempre atualizadas e melhoradas. Some-se a essas obras a **Antologia Remissiva - Trechos de Prosadores e de Poetas com Observações Gramaticais** e ter-se-á a medida da preocupação do autor com o estudo de gramática.

Mas voltemos ao **Dicionário de Questões Vernáculas**. Resultado da compilação, em ordem alfabética, dos assuntos tratados na referida coluna d' "O Estado de São Paulo", a primeira edição saiu em 1981. De lá para cá têm havido constantes acrescentamentos.

Após rápida introdução em que explica a razão do título **Questões Vernáculas**, o autor apresenta uma lista de verbetes para prévia leitura : *Redação; Português; Língua brasileira ?; Professor de português; Língua nacional; Linguagem dos jovens ?; Língua sem gramática; Vernáculo; Ensino do vernáculo; Ortografia; Zelotes do vernáculo; Latim; "Infandum, Regina, jubes renovare dolorem" e Língua portuguesa*. Como se observa, são itens genéricos, que funcionam como aulas iniciais, aplicáveis a todos os verbetes. Pode-se dizer que neles está a "profissão de fé" de Napoleão Mendes de Almeida.

Estudioso da gramática e, particularmente, da gramática normativa, o professor Napoleão, repetidas vezes, opõe restrições ao ensino da Lingüística, ciência pura ou aplicada ao estudo de línguas. Tarefa, acredito, desnecessária, uma vez que cada uma - gramática e lingüística - tem seu próprio campo de ação. Na lingüística, procura-se estudar as leis de estruturação, de funcionamento da linguagem. Sendo assim, não interessa o ponto de vista prescritivo. Já na gramática se pode falar do componente normativo, pelo menos numa das acepções do termo gramática, porquanto outras há, conforme as teorias lingüísticas. E o professor Napoleão tem todas as credenciais, como se viu, para falar de gramática. Outro não tem sido seu trabalho ao longo de tantos anos. Verdadeira cruzada. E compulsar seu **Dicionário** é a comprovação.

Nele vai o leitor encontrar esclarecidas questões de natureza variada. Exemplos: tradução e explicação de locuções e máximas latinas e de outras línguas; adaptação de palavras estrangeiras a nossa grafia e prosódia ("esfia", "esfirra" e não "esfiha"); tradução inadequada de palavras de outras línguas ("evidence" traduzida por "evidência" e não por "prova"); uso do peregrinismo, quando em nossa língua existe um termo corrente ("Ersatz" por "sucedâneo"); emprego de acrônimos (palavra formada pela primeira ou primeiras letras de cada um dos vocábulos sucessivos de uma frase ou da maioria deles), como LASER, que provém de "Light Amplification by Stimulated Emmission of Radiation". Em se tratando de morfologia e sintaxe, encontra o consulente

verdadeira gramática distribuída em verbetes. Constantes remissões são feitas à **Gramática Metódica** e à **Gramática Latina** para complemento das informações, de modo que é conveniente ao usuário dispor também dessas duas obras.

É fundamental assinalar que de muitos textos do **Dicionário** se ergue a voz do educador, denunciando as mazelas do ensino e o desprestígio da língua portuguesa nas últimas décadas. Veja-se o cenário: a expressão oral da juventude tem-se tornado cada vez mais pobre e, dominada pela gíria, quase regrediu ao estágio das línguas monossilábicas; a escrita revela, às vezes, incapacidade de articular dois pensamentos. A mesma indignação oprime grande parte dos letrados que pretensamente constituem a “classe culta” do país: professores que nas aulas estropiam o vernáculo, burocratas que claudicam nas fórmulas mais simples de redação oficial, advogados que mal sabem redigir uma petição, jornalistas e outros comunicadores parcos de recursos. Sem falar em certo número de escritores, em cuja pena a língua portuguesa fica dura, sem leveza, relegada ao papel subalterno de mal e mal contar histórias linearmente urdidas ou transmitir idéias de segunda categoria.

A mesma voz, que denuncia desvios, aponta rumos para a solução. E os caminhos estão no ensino da norma culta ou dialeto padrão como instrumento de acesso ao saber, de busca de um lugar ao sol no mundo do trabalho, de conquista da cidadania. Sem excluir, naturalmente, o aspecto artístico: não é, por exemplo, finalidade precípua da escola de segundo grau formar poetas e letrados; mas, se houver tais vocações, por que não incentivá-las ?

A meu ver - isto foi dito em outra ocasião - do correto entendimento do que seja a norma culta depende seu tratamento didático. Não se trata do sorriso irretocável da Mona Lisa, mas de uma variante lingüística privilegiada pelas injunções estéticas e sociais. Nem tampouco de um precipitado cristalizado e imutável, mas de um acervo de conquistas de oito séculos, em constante evolução. Nem ainda apenas um objeto manipulável de pesquisa e experimentação científica. A língua portuguesa tem de ser vista como a manifestação da alma de um povo; é o resultado do relacionamento de incontáveis falantes que conviveram ou se sucederam e ainda se sucedem, um composto ao mesmo tempo consolidado e vivo. Seus mistérios são apenas parcialmente atingíveis pela análise. Suas possibilidades somente por condescendência se encaixam nos compartimentos fechados da metalinguagem. Conhecê-la bem é mais do que analisá-la friamente; é ter parte com seus segredos, amá-la, incorporar-se, por meio dela, ao povo que lhe deu nascimento e vida.

O professor Napoleão Mendes de Almeida tem demonstrado, em suas obras e no curso por correspondência, sensibilidade para captar e mostrar a seus alunos e leitores todos os encantos da Língua Portuguesa. Prova disso é o texto a mim enviado para o endereço da USP, pelo próprio professor Napoleão, em 01-04-91, o qual tomo a liberdade de transcrever: “Em 1982, quando estudante da universidade de Navarra (Espanha),

fez o meu curso de português; ainda em Navarra iniciou depois o de latim quem hoje é promotor de Justiça em sua terra natal, Lages, SC, Dr. Gilberto Callado de Oliveira, de onde, em 10.5.88, enviou estas linhas com os exercícios pedidos na lição 45: ‘Depois de certa ausência estou voltando às lições de latim; a satisfação é grande, porque sei que estou em boas mãos. Quanto à tese de doutorado, obtive “Apto cum laude”; o tribunal foi unânime em elogiar a redação, especialmente a forma gramatical escorreita com que expus o tema; um dos membros, português de Coimbra e catedrático de Direito, gostou imensamente do estilo. O êxito da aprovação, devo-o em parte ao senhor, às suas eficientes lições. Que teria sido de mim sem o seu curso por correspondência?’

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo
(Departamento de Letras)